

Ficcionalizar Lisboa como “Colónia” Britânica de Convalescência: a Estética do Sofrimento Feminino em *Mary, A Fiction* (1788), de Mary Wollstonecraft

Rogério Miguel Puga
CETAPS/FCSH-NOVA

The beautiful Lady Mary! How could she die? – and of consumption! But it is a path I have prayed to follow. I would wish all I love to perish of that gentle disease. How glorious! to depart in the hey-day of the young blood – the heart all passion – the imagination all fire – amid the remembrances of happier days – in the fall of the year – and so be buried up forever in the gorgeous autumnal leaves!

Edgar Allan Poe (20)

Mary, *A Fiction* (1788), de Mary Wollstonecraft (1759-1797), – conhecida sobretudo pelas obras *A Vindication of the Rights of Men* (1790) e *A Vindication of the Rights of Woman* (1792) – é o primeiro dos dois romances da escritora feminista,¹ e o único terminado, pois *The Wrongs of Woman, or Maria* (1798) nunca chegaria a ser acabado. A primeira narrativa ficcional que referimos é publicada três anos após a visita da autora a Portugal, em 1785, e representa as relações de amizade e amor de Mary, caracterizada como um “génio” (alguém com excepcional poder

1. Sobre o feminismo no século XVIII e a obra política de Wollstonecraft, *vide* Rodrigues (1-75).

intelectual e criatividade), independente, inconvençional, racional e auto-didacta, na senda da ideia de Rousseau (*Emile*, 1762) de génio virtuoso que aprende por si mesmo. Os dois romances têm sido interpretados como propaganda (proto-)feminista num século em que esse fenómeno de persuasão se generaliza na imprensa e nas publicações britânicas, (Ford: 52) e em *Mary* o génio feminino é aprisionado pelo casamento, (Elfenbein: 236-238) pelo que o discurso e a representação da mulher génio afastam-se dos do romance britânico tradicional de então, aproximando-se Mary das heroínas de narrativas ficcionais como *A Description of Millenium Hall and the Country Adjacent* (1762), de Sarah Scott, autora que, tal como Wollstonecraft, foi “recuperada” no século XX pelo movimento feminista. Partindo do estudo pioneiro de Aline Ferreira (1991) sobre Portugal na obra de Wollstonecraft, estudamos agora a representação superficial de Lisboa sobretudo como espaço povoado por tuberculosos britânicos na obra que surge na sequência da marcante visita da autora a Portugal e que tem, portanto, como base a sua experiência pessoal num país estrangeiro. Atentaremos ainda nas breves referências a Portugal na restante obra de Wollstonecraft, especialmente a recensão que publica, em 1788, de *Sketches* (1787), de Arthur William Costigan, pseudónimo de James Ferrier, que surge na sequência de obras como *Travels Through Portugal and Spain, in 1772 and 1773* (1775), de Richard Twiss, e *Travels Through Spain and Portugal in 1774* (1777), de William Dalrymple, cuja imagem de Portugal é também negativa, tema que já se tornara, então, um lugar-comum na literatura de viagens britânica sobre Portugal.

Wollstonecraft, que viria a ser mãe de Mary Shelley (1797-1851), viaja amplamente pelo Reino Unido e pela Europa. Em criança, muda-se com a família para Essex, para Yorkshire, de novo para Londres, Gales e Middlesex, sai de casa, em 1778, e trabalha em Bath, em Windsor e em Dublin como dama de companhia, *cottage seamstress* e governanta, profissões e viagens que lhe permitem testemunhar a vida de várias mulheres e ficcionalizar a viagem como aprendizagem fruto de observação e comparação multicultural, nomeadamente em Lisboa. A autora viajaria ainda sozinha para viver em Paris como

correspondente que relata a Revolução Francesa, desloca-se a Lisboa, para visitar a amiga Fanny (Frances) Blood, e à Escandinávia, como emissária comercial e escritora (de viagens).

Atentemos, de seguida e sumariamente, na curta estada da autora em Lisboa, experiência que lhe permite, mais tarde, ficcionalizar essa urbe em *Mary* e complementar, com as suas opiniões, relatos de viagem como o de Costigan, estabelecendo-se, como a própria autora confessa, uma relação clara entre a sua vida e o mundo possível que ela ficcionaliza. No "Advertisement" de *Mary*, ao estabelecer um "contrato de leitura" também baseado na sua biografia, a escritora defende que apenas as obras que espelham "the soul of the author" (75)² arrebatam o leitor, pelo que se tornaria fácil, para muitos estudiosos, inclusive o seu marido Godwin, (60) encontrar ecos biográficos nos seus romances, nomeadamente a sua estada em Portugal. Aliás, no "Advertisement" da última obra publicada em vida pela autora, *Letters Written During a Short Residence in Sweden*, (3) podemos ler a explicação das constantes presenças autobiográficas nas suas obras:

in writing these desultory letters, I found I could not avoid, *being continually the first person – "the little hero of each tale."* I tried to correct this fault, if it be one, for they were designed for publication (...) I found, became stiff and affected: I, therefore, determined to let my remarks and reflections flow unrestrained, as I perceived that I could not give a just description of what I saw, but by relating the effect different objects had produced on my mind and feelings, whilst the impression was still fresh. A person has a right (...) when amused by a witty or interesting egotist, to talk of himself when he can win on our attention by acquiring our affection.

Regressemos à viagem a Portugal. No início de 1785, Fanny, amiga de Mary, viaja para Lisboa, já doente com tuberculose, para

2. Utilizamos a edição de 2012 (Mary Wollstonecraft. *Mary, A Fiction and The Wrongs of Woman, or Maria*. Ed. Michelle Faubert, 2012).

casar-se, em 24 de Fevereiro, com o mercador irlandês Hugh Skyes,³ e com esperança de melhorar a sua saúde. (Godwin *Memoirs*: 42) Wollstonecraft segue-a, em Novembro desse ano, para cuidar da amiga, que lhe pedira que estivesse em Lisboa quando do nascimento do seu filho, ficando a autora em Portugal entre Novembro e Dezembro de 1785. A romancista deixa a escola feminina que fundara, em 1784, com a referida amiga e as irmãs Eliza e Everina, em Newington Green, e viaja para Lisboa. A escola faliria pouco depois do seu regresso (1786), e Wollstonecraft torna-se posteriormente governanta (1787), escritora e tradutora para a editora Joseph Johnson, como forma de sobrevivência. Começa também a escrever recensões para a revista mensal *Analytical Review*, fundada pelo seu editor e por Thomas Christie. Um amigo anónimo, provavelmente o Reverendo Richard Price, paga a viagem de Mary para Portugal, (Godwin: 46) e ela parte no final de Novembro, passando cerca de treze dias no mar, período em que, tal como a protagonista de *Mary*, cuida de viajantes doentes. A própria autora descreve, numa missiva que envia à irmã, a viagem e a chegada a Lisboa:

LISBON, Nov. or Dec. 1785.

MY DEAR GIRLS, – I am beginning to awake out of a terrifying dream, for in that light do the transactions of these two or three last days appear. Before I say more, let me tell you that, when I arrived here, Fanny was in labor, and that four hours after she was delivered of a boy. The child is alive and well (...) *I am now watching her and the child* (...) I could not write to you on shipboard, the *sea was so rough*; and we had such hard gales of wind (...). We arrived last Monday. We were only thirteen days at sea. The wind was so high and the sea so boisterous the water came in at the cabin windows (...). The women were sea-sick the whole time, and the poor invalid so oppressed by his complaints, I never expected he would live to see Lisbon. I have supported him for hours together gasping for breath, and at night, if I had been inclined to sleep, his dreadful cough would have kept

3. Hugh torna-se membro da Lisbon Factory no dia 20 de Fevereiro de 1782. (Walford: 72)

me awake. You may suppose that I have not rested much since I came here, yet I am tolerably well, and calmer than I could expect to be (...) – Yours, MARY. (Wollstonecraft, *Letters*: 63) [nossa ênfase]

O bebé prematuro de Fanny acaba por falecer, e, no dia 29 de Novembro, a amiga de Mary também morre, tragédia que inspirou certamente o romance de que nos ocupamos. A autora permanece alguns dias em Lisboa e regressa a Londres no final de Dezembro. Sobre a estada na capital portuguesa, Godwin (*Memoirs*: 47) afirma: “her residence in Lisbon was not long. She arrived but a short time before her friend was prematurely delivered, and the event was fatal to both mother and child”, concluindo:

No doubt the voyage to Lisbon tended considerably to enlarge the understanding of Mary. She was admitted into the best company the English factory afforded. She made many profound observations on the character of the natives, and the baleful effects of superstition. The obsequies of Fanny, which it was necessary to perform by stealth and in darkness, tended to invigorate these observations in her mind. She sailed upon her voyage home about the twentieth of December. On this occasion a circumstance occurred, that deserves to be recorded. While they were on their passage, they fell in with a French vessel, in great distress, and in daily expectation of foundering at sea, at the same time that it was almost destitute of provisions. The Frenchman hailed them, and intreated the English captain, in consideration of his melancholy situation, to take him and his crew on board. The Englishman represented in reply, that his stock of provisions was by no means adequate to such an additional number of mouths, and absolutely refused compliance. Mary, shocked at his apparent insensibility, took up the cause of the sufferers, and threatened the captain to have him called to a severe account, when he arrived in England. (Godwin: 49-50)

Brody (49) relembra essa viagem de Wollstonecraft como revitalizante, bem como a estada, baseando-se, decerto, também na recensão de Mary, que analisaremos mais adiante:

the poverty in Lisbon, where roaming packs of dogs lunged for scraps of food, appaled her, as did the Roman Catholic Church's hold on the population (...). She loathed the intolerance that required Hugh Skeys to bury Fanny, an Anglican, at night and in great secrecy. She was not impressed with the convents and monasteries, where, she thought, nuns and monks preferred to preprepare for the next world rather than do good in this one.

Viajar é encarado por Mary como um acto de aprendizagem, e, anos mais tarde, já após ter contribuído para o “despertar da consciência cívica feminina”, (Rodrigues, 2011) ao deixar Christiania, em Copenhaga, Mary recordaria a sua “estrutura mental” quando visitou Lisboa:

My imagination has never yet severed me from my griefs, and my mind has seldom been so free as to allow my body to be delicate. How I am altered by disappointment! When going to Lisbon, the elasticity of my mind was sufficient to ward off weariness, and my imagination still could dip her brush in the rainbow of fancy, and sketch futurity in glowing colours. (Wollstonecraft, *Letters*:171-172)

Como é sabido, Wollstonecraft redige *Mary* em Hotwells (Bristol) ao serviço, como governanta, de uma família anglo-irlandesa, os Kingsborough, no Verão de 1787. Nas suas memórias, publicadas por Godwin, (60-61) podemos ler um elogio que se detém também na recepção da obra, ao longo do qual o marido remete para preocupações fulcrais de Mary, o (falso) sentimentalismo (sensibilidade) e a reforma da educação, do estatuto e do papel sociais das mulheres:

a considerable part of this story consists, with certain modifications, of the incidents of her own friendship with Fanny. All the events that do not relate to that subject are fictitious. This little work, if Mary had never produced any thing else, would serve, with persons of true taste and sensibility, to establish the eminence of her genius. The story is nothing. He that looks into the book only for incident, will probably lay it down with disgust. But the feelings are of the truest and most exquisite class; every

circumstance is adorned with that species of imagination, which enlists itself under the banners of delicacy and sentiment. A work of sentiment, as it is called, is too often another name for a work of affectation. He that would imagine that the sentiments of this book are affected, would I believe, betray a total want of sensibility and taste.

Em 1797, a própria romancista criticaria *Mary* numa nota dirigida à irmã Everina: “as for my *Mary*, I consider it as a *crude production*, and do not very willingly put it in the way of people whose good opinion, as a writer, I wish for; but you may have it to make up the sum of *laughter*”. (Wollstonecraft, *Collected Letters*: 404) [ênfase nossa]. Poderemos resumir o enredo da obra da seguinte forma: o *incipit*-resumo ocupa-se do casamento árido dos pais (78-79, 85) e da infância da protagonista, *Mary*. A mãe, *Eliza*, torna-se “a mere nothing” (79) e negligencia, inicialmente, ambos os filhos para brincar com os seus cães (82) e, mais tarde, sobretudo a filha, ao proteger o filho, que acaba por falecer. A protagonista torna-se a única herdeira da família aos dezassete anos e, conseqüentemente, passa a ser educada de forma diferente, e é essa liberdade económica que lhe permitirá viajar até Portugal e a sua relativa independência. Antes de falecer, a sua mãe pede-lhe que case com *Charles*, um desconhecido pretendente rico, pedido a que *Mary* acede. Logo após o casamento, o casal separa-se, pois *Charles* sai imediatamente de cena e parte para o “Continente” para terminar os seus estudos universitários. (95) Ainda criança, *Mary* trava amizade com *Ann*, que, enquanto *guide-figure* semelhante à do *Bildungsroman*,⁴ contribui para a sua educação, e por quem *Mary* se afeiçoa, pagando as dívidas da sua família, embora a sua amiga não retribua a intensidade dos sentimentos da protagonista. (87) Quando *Ann* contrai tuberculose, *Mary* acompanha-a a Lisboa, onde conhecem *Henry*, que viajara, doente, para Portugal, como era, aliás, prática comum na

4. *Henry*, que *Mary* conhece em Lisboa, é um “thinker” (103) e “a man of learning”, (108) o que agrada à protagonista, fazendo com que ele se torne também um dos seus ‘tutores’, a *guide-figure* que refina os seus gostos e aumenta o seu “stock of ideas”, (109) tal como *Ann* fizera antes.

altura, para melhorar o seu estado de saúde. Ann acaba por falecer, e Mary substitui-a por Henry ao apaixonar-se e ser correspondida no amor pelo inglês enfraquecido, passivo e moribundo, ou seja, a primeira e feminina “tale of forbidden and unnarratable passionate friendship becomes a tale of forbidden but narratable adulterous love”. (Johnson, *Equivocal*: 56) A protagonista e o seu amante regressam a Inglaterra separados, mas encontram-se várias vezes, e Mary, tal como fizera com Ann, toma conta dele até à morte. Posteriormente, a protagonista adoece e viaja com a mãe de Henry, e, quando o seu marido regressa do “Continente”, não suporta a sua presença, como a narradora informa, de forma hiperbólica, (147-148) sugerindo o final da obra que ela falecerá jovem: “Her delicate state of health did not promise long life”. (148)

O enredo de *Mary* apresenta semelhanças com a realidade fora do texto, levando alguns autores (Ferreira: 91; Kelly, *Revolutionary*: 42; Faubert: 13; Amaral: 53) a classificar *Mary* (e *Maria*) como romances autobiográficos, interpretação que a própria autora sugere ao afirmar, no “Advertisement”, a base real da sua *fiction*: “without arguing physically about *possibilities* – in a fiction, such a being may be allowed to exist; whose grandeur is drawn from the operations of its own faculties, not subjugated to opinion; but drawn by the individual from the original source”. (76) Encontramos ainda outros elementos autobiográficos ficcionalizados: o casamento instável dos pais de Mary; a sua relação tensa com os filhos e predileção pelo filho Edward (Ned); o pai nervoso e zangado, bem como o refúgio que Mary encontra na sua amiga Fanny Blood, que partilha características com a ficcional Ann, dois anos mais velha que Mary, nomeadamente a amizade íntima, a viagem para Lisboa e o falecimento nessa cidade. Godwin (*Memoirs*: 50) descreveria os sentimentos da sua mulher por Fanny, “for whom she contracted a friendship so fervent, as for years to have constituted the ruling passion of her mind”, sendo vários os estudiosos que referem que a caracterização de (Fanny como) Ann é “condescendente” e amarga pelo facto de esta última ter casado com um homem que a rejeitara muito tempo (Todd, *Mary Wollstonecraft*: 11-13; Sapiro: 14-15;

Taylor: 261; Hoeveler: 32; Kelly, *Revolutionary Feminism*: 40-41; Wardle: 62). De acordo com Brody, (59) a personagem Eliza é um misto de traços da patroa (Kingsborough) e da mãe da autora, enquanto o pai desta última, tal como Edward ficcional, bebe e é violento. A tuberculose de Ann e de Henry ecoa a doença real de Fanny, e a mudança do marido de Mary para o “Continente” recorda a do marido de Fanny (Portugal), indo a protagonista com a amiga a Lisboa, tal como Wollstonecraft fizera anos antes, ao visitar Fanny. Em *Mary* não há romances felizes, e o único homem por quem Mary se interessa é tuberculoso. Se na página 107, a protagonista teme veicular os seus medos aos demais ingleses em Lisboa sobre o estado de saúde de Ann, por poder estar a ditar “Ann’s *sentence of death*”, a autora ao escrever, de Portugal, à irmã Eliza Bishop, em 1785, e ao falar do estado de saúde de Fanny, desabafa: “Fanny has been so exceedingly ill since I wrote (...). I entirely gave her up – and yet I could not write and tell you so, it seemed like signing her *death warrant*”. (Wollstonecraft, *Letters*: 63) [nossa ênfase] Aliás, são essa experiência pessoal e o conhecimento da realidade que levam a que a representação da fase final da doença e as mortes de Ann e de Henry em *Mary* seja realista e não se assemelhe à agradável tuberculose “literária” que se viria a tornar comum (Byrne, 2011)⁵ e que seria criticada ainda, em 1799, pelo Dr. Thomas Beddoes, (6) no seu *Essay on the Causes, Early Signs, and Prevention of Pulmonary Consumption*:

writers of romance (whether from ignorance or because it suits the tone of their narrative) exhibit the slow decline of the consumptive, as a state on which the fancy may agreeably repose and in which not much more misery is felt, than is expressed by a blossom, nipped by untimely frosts. Those who only see the sufferers in passing, are misled by the representation. And I have heard many persons thus prepossessed, after closely attending a sick friend, declare their surprise not less than their horror, at

5. Veja-se a epígrafe deste nosso artigo, citação de uma das primeiras versões de “Metzengerstein”, de Edgar Allan Poe. (20)

the unexpected scenes of varied and protracted misery which they have been condemned to witness.⁶

Também a caridade e a sensibilidade (sociais) de Mary ecoam ficcionalmente no romance quando a protagonista cuida quer de pedintes em criança, passando fome, (85) quer de pescadores pobres, (89) da família de Ann (95-97) e de mendigos londrinos. (89, 131-132) Aliás, a benevolência é alvo de comentários positivos por parte da narradora ao caracterizar a protagonista (90) e ecoar a teoria de empatia social defendida por Adam Smith em *The Theory of Moral Sentiments* (1759).

As *Memoirs*, fonte preciosa de informação sobre Mary, da autoria de Goodwin, seriam utilizadas pelos seus opositores e “manchariam” (inadvertidamente) a sua reputação como mulher adúltera que tenta “desviar” outras mulheres, pois o marido da romancista acaba por revelar aspectos até então desconhecidos da vida dela, nomeadamente o caso amoroso com Imlay, as duas gravidezes antes de se casar, as várias tentativas de suicídio e a sua “perseguição” amorosa a Fuseli. No entanto, apesar de não ter sido um *bestseller*, excertos de *Mary* foram publicados na antologia *The Young Gentleman & Lady's Instructor* (1809), vindo os dois romances a ser recuperados, não tanto pelo seu valor literário, mas pela sua importante função social (auto-educação do “génio” feminino e defesa dos direitos das mulheres) enquanto ficcionalizações (de temáticas abordadas pela prosa política não literária da autora) que concorrem para a educação do público feminino dos romances sentimentais em geral (Faubert:

6. Para uma descrição realista e até demasiado forte do sofrimento causado pela tuberculose, veja-se, a título de exemplo, o romance de William W. Reade, *Liberty Hall, Oxon.*, publicado em 1860:

her body was bent forward on her knees; the joints of this body so thin, that it was almost deformed, were swelled and red and painful. She laboured and coughed for her breath; each time that she breathed she coughed up blood (...). But while they were still gazing at her, they saw the colour fade from her cheeks, the smile from her lips. Her face, with wonderful rapidity, became sallow and dusky; her lips and her fingernails tinged with blue. Her breathing became rapid, and was expelled in sharp and hurried gasps. Long, deep streams of perspiration ran down her face; her features assumed an expression of anxiety, her eye-balls protruded, and her heart throbbed savagely and loudly. (III:323, 327)

32-33). Se, para Brody, (60) *Mary* é “uneven in narrative and unconvincing in characterization”, para Johnson, (*Equivocal*: 49-50) trata-se de um romance arrojado e perigoso, pois apresenta um novo tipo de heroína, a “woman who has thinking powers” e se relaciona quer com homens (Henry), quer com mulheres (Ann), rompendo barreiras morais e de (representação de) gênero. Já Johnson (“*Mary’s*”: 198) considera o romance experimental, apesar da hiperfeminilidade que caracteriza *Mary* no final e que o aproxima do típico romance romântico, elogiando ambas as ficções de *Mary*:

Wollstonecraft’s novels may not be masterpieces in the old-fashioned, traditional sense. They are brave attempts, not polished performances. But as such they evince qualities that typify Wollstonecraft’s best work. They are startlingly innovative in their methods and their subjects, sometimes clumsy and sometimes breathtakingly brilliant, and in close dialogue with the forms of fiction they are attempting to supersede. Both novels are written either about or for those “who will dare to advance before the improvement of the age”, (*WWM* 1:83) to exceptional minds in other words, who are not confined by ideology, but who can peer just above or ahead of it, and who because they are relatively unblinkered, will pass over the novels’ imperfection and comprehend both their despair of the present and their hope in the future. (Johnson, “*Mary’s*”: 207)

Por essas razões, os dois inovadores romances de Wollstonecraft (ao nível temático) deveriam marcar uma maior presença nos estudos sobre a ficção do século XVIII, até porque, para a autora, a reforma do gênero literário em questão educaria uma mulher (leitora) socialmente mais útil. (Bahar: 97) Se a típica heroína romântica (que *Mary* encontra em Lisboa) representava a mulher construída para servir e agradar ao homem – “the heroic feminine victim of the courtly rake and gallant, the virtuous feminine companion of the ideal professionalized gentleman, and the intellectually and erotically subservient companion of the ideal bourgeois man” –, (Kelly, *Revolutionary*: 42) Wollstonecraft afastar-se-á, até certo ponto, desse ideal feminino (de sentimentalismo), fazendo eco das ideias discutidas

e defendidas pela conhecida Blue Stocking Society, ao longo da segunda metade do século XVIII. Aliás, a folha de rosto da primeira edição de *Mary* inclui uma citação da obra *Julie, ou, La Nouvelle Héloïse* (1761), de Rousseau: “L’exercice des plus sublimes vertus élève et nourrit le génie”, que remete simultaneamente para a educação e para a sensibilidade do génio feminino, temas de que a autora se ocuparia até falecer. No entanto, Mary e outras autoras britânicas – como Hannah More, Mary Hays, Charlotte Turner Smith, Mary Robinson, Helen Maria Williams e Maria Edgeworth – consideram Rousseau “sexista”. (Mellor: 141-159) Estética e ideologia unem-se, assim, na obra de Wollstonecraft com um intuito (também) político, embora os seus romances sejam relativamente esquecidos perante o sucesso de *Vindications* até sensivelmente à década de setenta do século passado, quando surgem reedições dessas ficções, e mesmo esses projectos editoriais feministas – por exemplo a introdução de Eleanor Flexner, na edição da American Penguin, de 1973 – defendem que Mary não foi uma romancista talentosa.

Como é sabido, os temas wollstonecraftianos por excelência são a educação-formação, a emancipação e o desenvolvimento femininos, pelo que não espanta que *Mary* seja considerado, talvez erradamente, um *Bildungsroman* sentimental por alguns autores. (Kelly, “Introduction”: xvi; Kelly, *Revolutionary*: 41; Faubert: 25) O romance partilha características e temáticas com o *Bildungsroman* ao ilustrar como uma mulher inteligente e independente pode aprender ao longo da vida, em contacto com a natureza, na sociedade, com amigos, a viajar, a ler, a escrever e a reflectir. O verbo “aprender” e o substantivo “aprendizagem” tornam-se recorrentes no texto, enfatizando o processo cumulativo da formação da protagonista, que passa pela aprendizagem da emotividade (sentimentalismo), da religião (90-91) e dos afectos. No entanto, a obra não se aproxima ainda do chamado *growing up novel* devido ao poder masculino e ao casamento que oprimem. Embora a protagonista se distinga das sentimentais personagens femininas, os seus percurso e vitória não são ainda os desejados devido a amarras sociais que é necessário questionar também através da ficção. Afinal, por que haveria o leitor de se prender

às expectativas românticas quando a vida ficcionalizada poderá ser tão mais interessante, para além dos romances sentimentais, pergunta a narradora num dos inúmeros exercícios metaficcionais do texto, que estimulam a curiosidade do leitor interpelado:

if my readers would excuse the sportiveness of fancy, and give me credit for genius, I would go on and tell them such tales as would force sweet tears of sensibility to flow in copious showers down beautiful cheeks, to the discomposure of rouge, &c. &c. Nay, I would make it so interesting, that the fair peruser should beg the hair-dresser to settle the curls himself, and not interrupt her. (81)

A leitura e a escrita fazem, assim, parte do longo processo de formação/educação das personagens, sendo encaradas como práticas sociais e didáticas na época romântica. (Richardson, 1990) A própria autora é reconhecida como auto-didacta (aprendeu várias línguas) e foi professora e tutora, pelo que os objectivos educativos das suas duas narrativas ficcionais devem ser interpretados tendo em conta quer a sua obra didactico-pedagógica publicada ainda antes de *Mary (Thoughts on the Education of Daughters: With Reflections on Female Conduct, in the More Important Duties of Life, 1787)*,⁷ quer o contexto político de então, o radicalismo dos anos (17)90, a educação e a luta pelos direitos das mulheres e dos escravos nas colónias,⁸ que coincidem com os futuros objectivos políticos da autora, na senda

7. A sua obra para crianças *Original Stories From Real Life: With Conversations Calculated to Regulate the Affections and Form the Mind to Truth and Goodness, 1788*; a tradução de Jacques Necker, *Of the Importance of Religious Opinions, 1788*, e de Christian Gotthilf Salzmann, *Elements of Morality, for the Use of Children; With an Introductory Address to Parents, 1790*, mas especialmente as suas obras: *The Female Reader: Or, Miscellaneous Pieces, in Prose and Verse; Selected from the Best Writers, and Disposed under Proper Heads; for the Improvement of Young Women. By Mr. Cresswick, Teacher of Elocution [Mary Wollstonecraft]. To Which is Prefixed a Preface, Containing Some Hints on Female Education, 1789*; *A Vindication of the Rights of Men, in a Letter to the Right Honourable Edmund Burke, 1790*; *A Vindication of the Rights of Woman with Strictures on Moral and Political Subjects, 1792* e "On the Prevailing Opinion of a Sexual Character in Women, with Strictures on Dr. Gregory's Legacy to His Daughters", 1792, entre outras.

8. A escravatura fora abolida na Grã-Bretanha em 1772, mas permaneceria legal nas colónias, como é sabido, até ao Slavery Abolition Act (1833).

do ideal de igualdade da Revolução Francesa. (Faubert: 34) Se *Mary e Maria*, redigidos, respectivamente, no início e no final da carreira de Mary, são romances também sentimentais – fruto da sua época e da ideologia e da estética patriarcais que Wollstonecraft combate como discursos que constroem e modelam a feminilidade –, essas narrativas assumem-se também como estratégias para simultaneamente corresponder ao horizonte de expectativas das leitoras de então e educá-las depois ao longo do processo de leitura. Aliás, a autora chama a atenção para esse mesmo processo nas páginas 79-80 de *Mary* (quando da descrição do cotidiano de Eliza) e em *Rights of Woman*, abordando quer a função da literatura como arma de manipulação para manter (e desafiar) o *status quo*, quer a temática das mulheres submissas e passivas através do sentimentalismo que infantiliza, pois o romance sentimental promove esse sentimentalismo artificial e ridículo e representa as mulheres fracas e intelectualmente limitadas como atraentes:

anxious to render my sex more respectable members of society, I shall try to avoid that flowery diction which has glided from essays into novels, and from novels into familiar letters of conversation. The pretty nothings – these caricatures of the real beauty of sensibility (...) create a kind of sickly delicacy (...) and a deluge of false sentiments and over-stretched feelings, stifling the natural emotions of the heart (...). The education of women has, of late, been more attended to than formerly, yet they are still reckoned as frivolous sex (...). Women, *subjected by ignorance to their sensations*, and only *taught to look for happiness in love, refine on sensual feelings* (...). Women (...) are *amused by the reveries of the stupid novelists*, who, knowing little of human nature, work up *stale tales*, and describe meretricious scenes, all retailed in a *sentimental jargon*, which equally tend to *corrupt the taste*, and draw the heart aside from its daily duties. I do not mention the *understanding, because never having been exercised*, its slumbering energies rest *inactive*. (Wollstonecraft, *Rights of Woman*: 8, 425-426) [ênfase nossa]

Podemos, assim, concluir que a literatura produzida pela indústria literária patriarcal e até feminina (“gerida” por homens) para o

público feminil “adoecia” as mulheres ao torná-las inferiores e mesquinhas, como a mãe de Mary no romance, que lê romances sentimentais, ou as mulheres britânicas em Lisboa, apenas preocupadas com as aparências. A leitura, a educação, a sexualidade, as mentes e os corpos transgressores seriam os medicamentos para essa “doença” fruto do controlo patriarcal. Mary tenta, então, criar um novo tipo de sensibilidade através do (seu) próprio romance sentimental, que educa o gosto feminino e simultaneamente demonstra o valor da sensibilidade moderada, pelo que a obra de que nos ocupamos também é lida como um romance sobre a “verdadeira” sensibilidade. (Faubert: 36-38) Aliás, na página 135, a narradora descreve Mary a chorar após uma desilusão amorosa (imagem típica da mulher no romance sentimental) e assume-se aristotélica ao invocar o efeito catártico da arte e do ambiente natural no ser humano, sensível e emotivo por natureza, unindo o sentimento e a empatia os membros da humanidade, como Mary conclui em Lisboa, apesar das diferenças culturais. Noutros momentos da acção, a narradora apresenta a protagonista como detentora de uma força mental e física (auto-controlo) fora do comum – “such power over her appetites and whims (...) she conquered them so entirely”; (92) “she did not feel bodily pain”; (114) – ou seja, tal como a natureza humana, as personagens e as ideias são complexas e contraditórias. Logo no início do “Advertisement”, a autora deixa claro que ficcionaliza as aventuras de um novo tipo de génio feminino e não de personagens que considera conservadoramente estereotipadas (“insipid”), (76) como *Clarissa* ou *Lady Grandison* (*History of Sir Charles Grandison*, 1754-1754), de Samuel Richardson, e *Sophie*, de Rousseau: “this woman is neither a Clarissa, a Lady G, nor a Sophie”. (75) Wollstonecraft caracteriza Mary como uma mulher adulta e inteligente que rejeita as normas sociais e sexuais do século XVIII de forma algo andrógina, aproximando a sua determinação à masculina.

Os dois romances balizam a sua actividade como escritora e ocupam-se de muitos dos temas que caracterizariam a sua obra, como os direitos e as escolhas/alternativas das mulheres, a ausência de ocupações condignas para mulheres, a caridade, o casamento-prisão

(como revelaram ser o da sua irmã Eliza e o de Fanny), a subjugação doméstica, a justiça social, o papel e o estatuto da mulher e do homem na sociedade (género), a natureza e a condição humanas, a sensibilidade/o sentimentalismo e a mulher, a relação amorosa, social e de poder entre o homem e a mulher (Sapiro: 14-15) e a forma como a mulher é moldada pela cultura. Apesar de o *excipit* da obra parecer oferecer uma mensagem de esperança para a mulher que anseia por liberdade, ela habita um mundo “*where there is neither marrying, nor giving in marriage*”, (148) pois o casamento faz dela uma escrava; (131)⁹ daí que Hoeveler (31) defenda que *Mary* é um romance sentimental (devido às temáticas da morte, das emoções desmesuradas e perseguições) marcado pelo “feminismo gótico”, ou seja, pela valorização da heroína perseguida. Os referidos temas são, por vezes, abordados de forma contraditória, desenvolvendo-se o carácter das protagonistas de *Mary* e os enredos à luz de teorias médicas sobre o desenvolvimento da mente e sobre o género, de teorias educacionais e do radicalismo dos anos (17)90, que eram também assimiladas pelo público feminino que lia sobretudo romances e novelas e não tanto prosa polémica. (Faubert: 13) Numa missiva que envia ao Reverendo Henry Gabell (13-09-1787), Wollstonecraft (*Collected Letters*: 136) desenvolve esses mesmos temas ao falar de *Mary*: “*spite of my vexations, I have lately written, a fiction which I intend to give to the world; it is a tale, to illustrate an opinion of mine, that a genius will educate itself*”,¹⁰ carta através da qual a autora se assume simultaneamente como escritora e teórica, ou seja, uma autoridade no que diz respeito à educação do génio feminino. Fica também claro o uso da ficção como estratégia por parte da autora para veicular ideias e posicionamentos pessoais.

9. Também em *Rights of Woman*, a autora designa as mulheres casadas de “house slaves”.

10. Sobre esta temática, Brody afirma:

Wollstonecraft poured all of the resentments she harbored against her often-violent father and her unaffectionate and indifferent mother into her autobiographical novel, *Mary*. She suggested that the reasons for her own frequent unhappiness lay in her childhood and in the volatile personality she shared with her father. (61)

Kaplan (35) afirma que a diferença entre os romances e os tratados filosóficos de Wollstonecraft é que a ficção celebra e valoriza a emotividade feminina, enquanto os tratados apresentam a emoção como reaccionária e regressiva. Embora pareça que a protagonista cresce e aceita o sentimentalismo, a autora enaltece a amizade romântica como preferível ao casamento, (Johnson, *Equivocal*: 48) e a longínqua Lisboa é o espaço estrangeiro e estranho desses encontros (mais livres) da personagem casada, quer com a sua amiga Ann, quer com Henry, no seio de uma mini Grã-Bretanha que o hotel-colónia de pacientes britânicos representa sinodoicamente, como veremos; daí que Kelly (“Introduction”: xvi) afirme que Mary condena o sexismo e a cultura dos falsos sentimentalismo e a sensibilidade que a sociedade patriarcal promove, por exemplo, através do romance sentimental, que, por sua vez, ela deseja redefinir. É sabido que, nos seus mais variados escritos, Mary é ambivalente e até contraditória no que diz respeito ao sentimentalismo, o que revela a complexidade da questão e o facto de os autores não estarem imunes aos efeitos da ideologia que tenta repudiar, tendo, por vezes, que mimetizar discursos e posturas para os poder subverter. O romance defende, então, que o uso pleno da razão e a determinação são essenciais para chegarmos às nossas conclusões em vez de imitarmos os outros, e advoga uma sensibilidade ou um sentimentalismo moderados pela razão. (135)

Como a narradora sugere, a educação/formação de Mary e a da sua mãe, Eliza, enquanto mulheres da alta sociedade, é limitada, pois são educadas apenas para casar e tratar do lar, (77) postura demonstrada também pelas mulheres britânicas que em Portugal criticam as duas amigas. No capítulo VII do romance, Ann começa a sentir sintomas típicos de “consumptive disorders”, (98) e o médico aconselha, como era comum, uma viagem para evitar o rigoroso Inverno inglês. Mary decide imediatamente acompanhá-la, e, tendo de escolher entre o Sul de França e Lisboa, decide-se pela capital portuguesa, “on account of its being further removed from the only person she wished not to see”, o marido, (100-101) e, caso a saúde de Ann o tivesse permitido, a protagonista teria escolhido uma ilha remota

para fugir de Charles para sempre, (120) revelando uma aversão extrema. Já Henry confessaria, na página 117, que escolhera Lisboa para convalescer porque já tinha viajado pelo resto do “Continente”.

As viagens para o Sul da Europa para curar-atenuar a tuberculose levam, por exemplo, Keats a Roma, bastando, no que diz respeito a Portugal, recordar a famosa viagem de Henry Fielding, em 1754, escritor que falece, como é sabido, em Lisboa. (Ferreira: 92) O capítulo nono de *Mary* ocupa-se da partida de Falmouth, da viagem e da chegada a Portugal, uma semana após as protagonistas deixarem a Cornualha. A primeira visão, como acontece noutros relatos de viagem, é a “rock of Lisbon” (cabo da Roca), referente geográfico para inúmeros viajantes. (Hickey: 370; *The Lisbon Guide*: 22) No dia seguinte, as duas amigas desembarcam a uma distância de três milhas de Lisboa (“at the castle”), que poderá designar um qualquer forte ao longo do Tejo, mas não o castelo de São Jorge, ao contrário do que sugere Faubert. (101, n. 3) Será muito provavelmente a Torre de Belém, pois, de seguida, a narradora informa que as inglesas se alojaram no Convento das Irlandesas, nas proximidades do Tejo, que é, decerto, o Convento (de Nossa Senhora) do Bom Sucesso, ou das Dominicanas Irlandesas, em Belém, que acolheu cinquenta freiras irlandesas em 1639, e cuja estrutura pouco sofrera com o terramoto de 1755, pelo que a estada das amigas no edifício seria possível. O católico assume-se como “definitional other” (Parker *et al.*: 5) no que diz respeito à auto-definição da maioria dos britânicos (protestantes), e o tópico do católico demonizado ou carnalizado faz parte do imaginário literário britânico coevo, sobretudo nas obras que fazem parte da *Protestant imaginative writing*. (Shell: 1-2) O universo religioso católico é o primeiro espaço de contacto com a realidade portuguesa, marcado pelo som de um órgão na igreja do já referido convento, por conversas entre Ann e uma freira e pelo canto de uma religiosa que emociona Mary, fazendo-a chorar “tears of gratitude and tenderness”, (102) pois numa “unknown land” a protagonista sente-se só, sentimento que exacerba a sua relação com Deus. A narradora ocupa-se assim também das reacções psicológicas da protagonista perante a alteridade e novas formas de “ser”, nomeadamente

no que diz respeito à sua fé e relativa tolerância religiosa, pois não rejeita as celebrações e rituais católicos que aprecia. Após as amigas se estabelecerem no hotel de inválidos, o romance descreve, já não a tolerância individual das amigas, mas a reacção colectiva da comunidade britânica às cerimónias católicas, ridicularizando “the pageantry they were all surprised at observing”, (104) embora o espírito crítico de Mary a leve a concluir que o Outro religioso também tem a sua razão. Aliás, *The Lisbon Guide* (1800), dedicado a “invalids who visit Lisbon”, refere essa mesma curiosidade e o espanto dos britânicos (para quem os católicos são estranhos demonizados): “the ceremonies of the Popish religion, especially on particular festivals, are naturally objects of curiosity to an Englishman; but however they may amuse, they cannot please (...) bigotry and atheism are found together in Lisbon.” (15)

A primeira imagem terrena de Lisboa, a das carruagens, é negativa – “ugly carriages peculiar to the country” – (101) e também se encontra em descrições não ficcionais de Lisboa, nomeadamente em *The Lisbon Guide* (25-26) e ainda na edição americana de 1855 do *M’Culloch’s Universal Gazetteer*, (191) intertexto do romance: “their carriages of all kinds, from the fidalgo’s family coach to the peasant’s market-cart, their agricultural implements, cutlery, locks & keys, &c., are ludicrously bad. They seem to disdain improvement, and are so infinitely below par, so strikingly inferior to the rest of Europe as to form a disgraceful wonder in the midst of the 19th century.” Aliás, a referência às carruagens não é de admirar, pois, como William Hickey informa em 1782, “a carriage was an indispensable requisite at Lisbon”. (374)

Do inicial espaço religioso que funciona como fronteira de iniciação para as duas amigas, as viajantes mudam-se para um hotel preparado para receber doentes (“invalids”) e que funciona como uma “colónia” britânica. Já em 1872, três anos antes de Mary Wollstonecraft viajar para Lisboa, William Hickey (372) se alojara num desses hotéis, nomeadamente o hotel de Mrs. William, onde se instalaram doentes britânicos e os parentes que os acompanham, por vezes

famílias inteiras. O viajante descreve a doença de vários pacientes¹¹ e o cotidiano desses estabelecimentos, ambiente que se aproxima do ficcionalizado em *Mary*:

there were also several other male invalids, all of whom assembled every morning in the coffee-room, a noble apartment (...). Here I usually employed an hour or two daily in reading English and other newspapers and admiring the beautiful scenery from the windows. It was, however, a great drawback to my amusement to observe several of the invalids daily sinking into the grave, yet notwithstanding this was too evident to every person who looked at them, the victims themselves seemed unconscious of their danger. (Hickey: 373)

Um guia publicado, em 1870, pelo médico Michael C. Grabham, sobre a Madeira e Portugal continental, para pacientes britânicos e familiares, refere também esse tipo de estabelecimentos em Lisboa, identificando-os: “the principal hotels in Lisbon are the “Central,” near the Tagus, and the “Braganza,” at a higher elevation; Mrs. Durand, also, in Rua dos [*sic*] Flores, has a house well situated and adapted to the requirements of invalids and families”. (Grabham: 197)

-
11. I could not help feeling extremely interested for one very elegant young man who stood in this class. His name was Richardson, only two-and-twenty years of age and in possession of a large estate in Devonshire. His patriotic zeal had induced him to take an active part in training a newly raised corps of Militia, in the performance of which duty he exposed himself to more hardships than he had strength of constitution to bear, sleeping in a tent in damp and swampy situations, which produced first cold and cough, then tendency to consumption. The physicians, pursuing the customary routine, began their operations at his own house, then ordered him to Bristol hot wells, and finally to Lisbon, where he had been two months when we arrived. He grew gradually weaker and weaker, so much so that at last he with difficulty could crawl from his bed-chamber to the coffee-room assisted by the arm of his servant, yet, although reduced to that miserably languid state, and having become an absolute skeleton, he thought not of death. On the contrary, he talked with confidence of future plans that he intended carrying into effect, remarking that as he did not think he had derived any material benefit from the climate of Lisbon he would return home for the summer months, and if it proved necessary that he again should move he would try Italy, and this he said at a time when I used to look at him with the most anxious alarm from actually expecting every moment to behold him fall from his chair a corpse. When we had been at the hotel about a month, his servant, entering his room to open the window shutters one morning, found him laying half out of bed, his head on the floor, quite dead, and he must have been so some hours, the body being cold and stiff. (Hickey:373-374)

Aliás, *The Lisbon Guide* reúne uma série de “dicas” úteis para “doentes” e complementa os silêncios no romance de Mary sobre a viagem e a estada dos pacientes, nomeadamente em hotéis de Lisboa, (*The Lisbon*: 9-10) como o Hotel Boulnois, na Calçada da Estrela, o “Rundle’s hotel”, na zona de Buenos Aires, ou o “William’s hotel”. (11-12, 17) Em *Mary*, Ann constipa-se na carruagem a caminho do hotel para “inválidos” e sofre ao chegar à nova residência, pelo que não é de admirar que o já referido guia de 1800 avise os doentes britânicos antes da viagem:

the sudden change in the evening from heat to cold, is one of the principal defects in the Lisbon climate; invalids must guard against it by wearing even warmer clothing than they have been used to in England. This is the more necessary as fire-places are seldom to be found in fitting-rooms. (*The Lisbon*: 12-13)

Os romances de Mary ilustram os vários motivos de viagem para Portugal e para o continente europeu, ou seja, por motivos de negócios (tio da protagonista em *Maria*), de estudo (Charles), de turismo, para fugir a situações difíceis ou indesejadas (Mary), e ainda por motivos de saúde, como destino de convalescença (Ann, Henry e “colónia” britânica em Lisboa), como acontece com inúmeros britânicos que, a partir de 1860, passariam a preferir a Riviera francesa, (Pemble: 85-86) mudando-se para novas zonas quando os antigos “sanatórios” de Inverno eram invadidos por pacientes-turistas e ficavam sobrelotados. Como informa Jeremy Black, (205) e *Mary* ficcionaliza, a ida às termas inglesas foi gradualmente substituída pela “health travel” no século XVIII: “to travel abroad for health represented a fusion of two of the more important developments in upper-class activities in this period: tourism and travelling for health.” Wollstonecraft ficcionaliza, assim, como veremos, as condições psicológicas, ambientais, biológicas, culturais e de género da doença e do acto de viajar. Os temas literários da enfermidade e de Mary como “cuidadora” acentuam-se após a chegada a Lisboa, espaço onde Ann deveria melhorar, estratégia que contribui para a construção do *suspense* da

narrativa e para a caracterização positiva da protagonista. O hotel de “invalids”, termo repetido várias vezes na página 102, é uma “colônia” britânica onde os residentes trocam motivos da estada e novidades de “casa”, havendo um sentido de comunidade e de identidade nacional britânica, bem como uma empatia quase imediata entre conterrâneos, mas que não se estende a Mary e Ann, que se tornam logo alvos de *gossip*. Aliás, em 1900, um artigo de Linden (85) sobre inválidos refere as “colonies for the consumptive” como “imagined communities” de doentes. A estranheza do novo país faz com que os residentes desses hotéis se relacionem de forma menos informal do que se relacionariam se recebessem visitas em casa, sendo assim acentuados os efeitos do “strange country” (102) nos viajantes. A doença física e a morte na Grã-Bretanha e de britânicos em Lisboa sugerem a ideia de corrupção física e espiritual, agindo as abastadas mulheres acompanhantes (e saudáveis) britânicas de uma forma doentia para com Ann e Mary, como se fosse um comportamento viciado, atitude que enfatiza claramente a experiência física da doença e o estado decadente desse meio social.

O desejo amoroso de Mary encontra-se morbidamente associado à doença, e a morte é, por sua vez, associada (no estrangeiro e “em casa”) à impossibilidade de ser livre e de ter sucesso. A metáfora da doença é, há muito, utilizada para ilustrar e denunciar males sociais e caracterizar a condição humana, (Sontag, 1979; Lawlor: 1-10) e foi-o no âmbito do debate da chamada “Condition-of-England”, que ganharia forma simultaneamente através da literatura médica, das polémicas socio-políticas e da própria ficção. (Williams: ix) Mary ama e dedica-se apenas a (curar) corpos doentes, sugerindo sinodologicamente que, apesar de a tuberculose ser uma doença individual (Sontag: 28; Byrne: 2) e não colectiva, em Lisboa há toda uma comunidade britânica que padece dessa enfermidade e, sobretudo, que esse colectivo (feminino) está doente e é mantido nesse estado, pelo que necessita de uma (auto-)cura para erradicar a doença e enganar a morte (interior) a que está votada pela sociedade patriarcal, subjugada a casamentos-prisão “arranjados”. Aliás, encontramos essa mesma imagem da condição feminina (doente) como constructo

cultural em *Vindication of the Rights of Woman*, (108, n.1) situação que caracteriza a mãe de Mary e as britânicas no hotel em Lisboa, e acentua as temáticas da fadiga, da fraqueza, da (in)capacidade, do consolo, da ansiedade e da morte:

if women are in general feeble both in body and mind, it arises less from nature than from education. We encourage a vicious indolence and inactivity, which we falsely call delicacy; instead of hardening their minds by the severer principles of reason and philosophy, we breed them to useless arts, which terminate in vanity and sensuality.

A narradora apresenta a comunidade britânica em Lisboa com base na sua invalidez e no seu sofrimento colectivo, fazendo esses estados parte da identidade desse grupo. Frawley, (3) ao estudar a relação entre invalidez e identidade, bem como a figura do inválido na Grã-Bretanha do século XIX, chama a atenção para as instituições e os agentes que ajudam e dão forma à construção dessa identidade e dos estados de espírito e de saúde, “signifying not simply a medical condition or exclusively a social role, invalidism might more profitably be thought as a cultural mentality, a mode of thought that shaped and a posture that expressed the way men and women conceptualized, experienced and represented a wide range of afflictions”, e esse processo acentua-se no romance de Wollstonecraft com a chegada das amigas a Portugal, como revela a cronotópica e atribulada viagem de carruagem entre o convento das freiras dominicanas irlandesas e o hotel de pacientes.

As necessidades da doente (Ann) passam a condicionar a actividade da sua cuidadora (Mary), inserindo-se ambas na comunidade de inválidos britânicos em sofrimento e convalescença num hotel preparado para o efeito em Lisboa. A capital portuguesa acolhe, assim, esse colectivo de doentes, e o clima luso (enquanto agente curativo e alívio para a depressão) passa a ser uma temática/preocupação desde o início da estada das amigas, até porque a viagem a Portugal tem um único propósito: a cura de Ann, remetendo esse hotel para os pacientes britânicos que viajam para o estrangeiro em busca de

cura ou de uma vida melhor (“search for health”), ou seja, para o turismo de saúde e para a climoterapia, no âmbito dos quais Portugal continental e o arquipélago da Madeira eram, como já vimos, destinos frequentes e espaços de convalescença, ou “blessed borderland of convalescence”. (Shand: 546) Esse fenómeno é atestado por obras anónimas como *The Diary of an Invalid: Being the Journal of a Tour in Pursuit of Health in Portugal, Italy, Switzerland and France in the Years 1817, 1818, and 1919* (1820), de Henry Matthews, *A Letter to an Invalid about to Visit the Island of Madeira* (1834), *A Brief Letter of Advice to an Invalid, in Reply to a Request for Information about Madeira as a Winter Residence, by an Ex-Invalid* (1859), ou ainda *A Sketch of Madeira: Containing Information for the Traveller, or Invalid Visitor* (1851), de Edward V. Harcourt.¹² O outro romance (inacabado) de Mary, *The Wrongs of Woman: or, Maria*, também refere Lisboa como destino do tio da protagonista por motivos de saúde, (245) cidade para onde ela pretende fugir do marido, mal o seu estado de saúde o permita, para ser protegida pelo tio, que ainda aí se encontra, (259) mas que poderá já, entretanto, ter falecido. (261-262) Lisboa assume-se assim como espaço de alívio para doentes (tuberculose), para mulheres oprimidas pelo casamento na Inglaterra, e também como destino de evasão masculina, como acontecera com Skeys, marido de Fanny, que deveria ter casado com ela muito mais cedo e evitar o agravamento da sua saúde, em vez de ter andado a esbanjar dinheiro em Lisboa, como se queixa Wollstonecraft, em Julho de 1875, numa missiva para George Blood, (Pennrich: 51) irmão mais novo do visado, que também visitaria Lisboa.

Ironicamente, em *Mary*, a chuva da primeira semana confina as amigas ao hotel e piora o estado de saúde de Ann, forçando-as a conviver com desagradáveis compatriotas na comunidade “inválida” britânica, onde reina a má-língua de mulheres desinteressantes. Mary ajuda vários turistas “doentes” femininos e masculinos em Lisboa, tal como auxilia os economicamente desfavorecidos em Inglaterra.

12. Sobre as viagens de inválidos britânicos para o estrangeiro no século XIX, veja-se Frawley (113-155).

Por outro lado, a inactividade dos enfermos Ann e Henry enfatiza a produtividade, a pro-actividade e o “génio” de Mary, enquanto os pacientes reproduzem uma pequena Grã-Bretanha no hospital que passa a ser o seu “lar” temporário no clima estranho que (eventualmente) os curará. O hospital de Lisboa pode ser interpretado como um *sick-room* e é um dos inúmeros espaços-instituições do fenómeno que Hacking (13) chama “ecological niche” da invalidez, ou seja, um fenómeno que não é apenas social, nem médico, nem depende apenas do paciente, mas que emerge “from the concatenation of an extraordinary large number of diverse types of manifestation of illness”. Aliás, a relação de Mary com terceiros parece passar por essa devoção para com os mais desfavorecidos, uma condição difícil que a caracteriza na infância relativamente aos afectos. Para a protagonista, Lisboa é, portanto, o espaço da aprendizagem intensiva da doença, da paixão e do valor da vida, tal como do desgosto (morte de Ann), do amor que se renova (Henry) e da esperança. O estrangeiro é também sinónimo da fuga ao casamento-prisão. A Grã-Bretanha social parece estar doente, sendo a natureza e o estrangeiro longínquo espaços de evasão, acabando a doença sempre por exigir exílio e por acarretar posteriormente a morte, e não a recuperação. A sensibilidade exacerbada de Mary e a aversão violenta ao marido poder-se-iam dever a um estado depressivo, viajando ela também como “nervous invalid”, a par de tuberculosos, como Ann e Henry. Em Lisboa, os doentes beneficiam do clima marítimo, de sol, de uma nova paisagem e de entretenimento, enquanto Mary beneficia da ausência do marido, cuja presença não suporta, fuga que a viagem lhe proporciona.

O novo país e a nova comunidade de pacientes britânicos a interagir de modo informal complementam a sua educação e forma de ver o mundo, levando à seguinte reflexão: “she indulged herself in viewing new modes of life, and searching out the causes which produced them. She had a metaphysical turn, which inclined her to reflect on every object that passed by her (...) every opinion was examined before it was adopted. (104) A observação de Mary leva a narradora, que se auto-caracteriza como “faithful historian”, (105) a entreter o leitor com alguma *gossip*, pois no hospital encontram-se

uma paciente e duas familiares (“fashionable women”) (105) que a acompanhavam e que apenas se importam com o que os outros poderão dizer acerca de si, “fracas” e sem qualquer ideia na cabeça, postura que, claro, leva Mary e a narradora a criticá-las de forma sarcástica e com um tom de superioridade: “it is scarcely necessary to add, that their minds had received little cultivation” (105) / “stupid gravity (...) ignorant (...) their narrow souls”, (106) ou seja, existe nesta afirmação uma crítica directa à educação feminina e às expectativas (mesquinhas) que certas mulheres tinham relativamente a si mesmas na sociedade e no casamento: “to captivate Lords”, (105) posições que seriam posteriormente desenvolvidas em *Rights of Women*. A má-língua assume-se, assim, como ocupação favorita entre empregadas e entre essas três britânicas. A prática de controlo social através da onzenice é pautada por juízos de valor relativos à classe social a que as demais personagens pertencem, recordando que o poder económico-social (da mulher) advém da esfera masculina da família, e, no século XVIII, a maioria dos casamentos nas classes mais elevadas eram “arranjados”, sem levar em consideração os sentimentos e gostos das jovens. (Staves: 119)

O bom tempo permite a Mary sair sozinha para admirar as ruínas do terramoto ainda visíveis por toda a cidade, passear nas margens do Tejo, “to feast her eyes with the sight of that magnificente river”, (109) ou visitar igrejas para apreciar pinturas históricas. Mary é assim caracterizada como uma turista com interesses culturais que mantém o seu contacto com a Natureza e aprecia a cultura de outros países, embora as restantes mulheres não se interessem por arte, nem consigam debater assuntos mais eruditos, situação que singulariza a protagonista. As visitas a conventos levam-na a reflectir sobre a natureza humana e a religião, e tais reflexões permitem-lhe entender melhor o comportamento das demais mulheres britânicas em Portugal.

O estado de saúde de Henry vai piorando, e Ann acaba mesmo por falecer abruptamente, sendo o cadáver “stolen out of the house”, (115) decerto uma referência ao funeral (escondido) da amiga da autora, anos antes em Lisboa. (Ferreira: 94) Em Portugal e até nas suas colónias, os funerais de protestantes estavam proibidos e, mesmo

que acontecessem, deveriam ser discretos, tendo, no entanto, já sido inaugurado o cemitério protestante de Lisboa quando Mary visita essa urbe, sem que a Igreja Católica e parte da população vissem com bons olhos o enterro de “hereges” em solo católico, como revelam várias fontes inglesas, que culpam também a intolerante Inquisição. (Keating: 13-14)

Em geral sobre os portugueses, o capítulo XIV afirma que eles “are certainly the most uncivilized nation in Europe”, (111) sem que a narradora justifique essa mesma posição com exemplos específicos, tratando-se de uma generalização como muitas outras que marcam o romance. As visitas a monumentos, como o Aqueduto das Águas Livres, são apenas referidas e não descritas, detendo-se a narradora sobretudo no clima desses momentos (chuva e sol), um factor importante que afecta o seu quotidiano e o estado de saúde da comunidade britânica no hotel. Aliás, as próprias localização e identificação de monumentos de Lisboa são vagas, como acontece no final da estada, quando Mary passeia de carruagem e visita (provavelmente) as ruínas do Convento de São Carmo: “she passed by the ruins of an old monastery on a very high hill; she got out to walk amongst the ruins”, (119) onde é “atacada” pelo vento, elemento natural que ela também ouve do interior do barco em que, melancólica e triste, regressa a Inglaterra, continuando a apoiar os necessitados durante a dolorosa viagem marítima ao longo da qual tem como companheiros uma mulher que sofre de enjoos e um tuberculoso. A estada em Lisboa é representada sobretudo a partir do interior de edifícios, e a narradora descreve a interacção das personagens em ambientes fechados ou durante passeios pontuais por Lisboa, que são apenas referidos e não descritos. No último capítulo-resumo do romance, o leitor descobre que Mary regressa ao “Continente” para melhorar a sua saúde em vários climas, “but her nerves were not to be restored to their former state”, volta também ao campo e continua a ajudar os necessitados: “she visited the sick, supported the old, and educated the young”. (148)

Numa recensão que publica, em 1788, na *Analytical Review*, dedicada à obra *Sketches of Society and Manners in Portugal*, de Arthur

William Costigan,¹³ Wollstonecraft (“[Review]”) descreve Portugal, já após ter visitado o país, de forma negativa, como fizera no romance: “the most savage part of Europe, where superstition still reigns triumph”, (451) e onde o governo é arbitrário e a religião é absurda e impede o progresso e a moral. (451-452) Na página 456, a autora elogia as pertinentes afirmações de Costigan e chama a atenção para o facto de o pobre, na Grã-Bretanha, poder “enjoy the fruit of his labours, and even the culprit be brought speedily to trial, and not suffered to languish in subterranean dungeons, a prey to anguish and unavailing regret”, ou seja, a imagem negativa de Portugal avançada por *Mary* encontra também eco nos parcos comentários que a autora tece, na sua recensão, ao país representado em *Sketches*. (Ferreira: 94) A escritora valida a informação veiculada por Costigan devido ao seu próprio conhecimento enquanto viajante: “from our own knowledge of the country we can assure our readers, that the various stories of oppression, and the consequent misery of individuals, are notorious facts (...) the pride and prejudice of the [Portuguese] Fidalgos”, (457) também dados a exageradas galantarias, intrigas e a temperamentos exacerbados, a “sensualidade latina” a que Aline Ferreira (96) se refere no seu estudo sobre Portugal na obra de Wollstonecraft. Portugal é apresentado como um país de paradoxos, onde reinam, lado a lado, “honour and insincerety (...) a childish cruel religion, and the system of dissimulation it has introduced, Moorish customs, and an arbitrary government, have contributed to turn a savage into a monster, and the wildness of the appearance only conceals some of its deformities.” (457) O comportamento infantil dos portugueses estimulado pela igreja católica para mais facilmente os manipular é também referido, por exemplo, por Alexander Jardine. (II: 422-423) em 1788, ou seja, os hetero-estereótipos associados a Portugal na escrita de viagens britânica são resumidos na recensão de forma a reforçar a imagem negativa dos sentimentais descendentes de

13. Sobre esta obra de Costigan, veja-se Castro (2007), a quem agradecemos a amável cedência de cópia da referida recensão.

“mouros”, corrompidos pela igreja católica e por um governo ineficaz e desumano. Portugal acaba, portanto, por não ser o espaço da busca quer da felicidade por parte das duas amigas, tema que este romance partilha com *Rasselas* (1759), de Samuel Johnson, quer do amor real e da anulação do “enredo” do casamento, (Johnson, “Mary”: 191-198) mas é associado ao sofrimento (drama) e aos excessos católicos. Aliás, no ano de 1790, em *A Vindication of the Rights of Men*, (58) a autora feminista referir-se-ia a Portugal como um “despotic country” oposto à edénica Inglaterra onde imperam o mau gosto e a pobreza extrema, como recorda Aline Ferreira. (89) Dois anos depois, em *A Vindication of the Rights of Woman* avançará exemplos da condição feminina em Portugal e do carácter dos portugueses.¹⁴

Mesmo que o romance não seja da mais elevada qualidade literária, é óbvio que o seu discurso em torno do género e dos direitos das mulheres é pioneiro, na medida em que dá vida ficcional a um génio feminino independente que visita Lisboa, onde faz a aprendizagem da doença, da morte e do amor mais livre. *Mary* desbrava caminhos temáticos, caracterizações e “liberdades” inovadoras em termos da representação do(s) género(s) que serão desenvolvidos em narrativas posteriores, como *Jane Eyre* (1847) e *Vilette* (1853), de Charlotte Brontë. (Todd, “Introduction”: x) Já a emotividade/sensibilidade e a capacidade de apreciar o Outro e o *Self* (Ferreira: 90) parecem relacionar o quotidiano (da vida real) à ficção, à arte e à fé, como a estada em Lisboa também revela ao juntar todas essas dimensões e permitir reflexões sobre a natureza humana. Se o *modus vivendi* das classes sociais elevadas é considerado claustrofóbico para as mulheres britânicas, as viajantes irão encontrar esse mesmo problema na “colónia” em Lisboa, uma “pequena” Grã-Bretanha, que, ao contrário da protagonista, que se deixa “tocar” pela diferença (religiosa) do

14. In Portugal, the country that I particularly allude to, it takes place of the most serious moral obligations; for a man is seldom assassinated when in the company of a woman. The savage hand of rapine is unnerved by this chivalrous spirit; and, if the stroke of vengeance cannot be stayed—the lady is entreated to pardon the rudeness and depart in peace, though sprinkled, perhaps, with her husband’s or brother’s blood. (Wollstonecraft, *A Vindication of the Rights of Woman*:172)

Outro, parece nada conseguir aprender/apreciar perante o espectáculo da alteridade, por mais negativo que o considerem ser. A viagem rumo ao Outro é assim também uma viagem rumo ao *Self* cultural e colectivo britânico, cujos preconceitos sociais e morais patriarcais, perpetuados também pelas próprias mulheres, são criticados quer em casa, quer num espaço longínquo como Portugal, a par da intolerância católica.

Mary: A Fiction representa um novo tipo de sensibilidade/emotividade (ancorada na razão) e de feminilidade (auto-)educada e mais independente, embora o final da acção seja ambíguo e revele ainda a impossibilidade de a mulher crescer e se tornar independente, apesar de dever sonhar e lutar por essa liberdade. Os romances de Wollstonecraft indagam a natureza da emotividade, (Faubert: 41) ensinam aos leitores as diferenças e semelhanças de género (*gender*) e participam no debate médico em torno (da “psicologia”)¹⁵ da formação do carácter humano, advogando que a educação das mulheres deve ser igual à dos homens, pois têm ambos a mesma capacidade intelectual. Ou seja, a autora rentabiliza aquilo a que Tong (7) chama o impacto emocional da ficção, defendendo Kelly, no seu estudo *The English Jacobine Novel, 1780-1805* (1976), que os romances deste período deverão ser interpretados tendo em conta os debates e as polémicas científicas de então, nomeadamente os escritos “políticos” dos romancistas.

Curiosamente, tendo a autora visitado Portugal antes de se tornar escritora, as impressões em missivas e nos romances sobre o país são poucas e telegráficas, em prol da descrição sobretudo de interações entre ingleses no hotel, o espaço da amizade, do confronto, da doença e, portanto, do cuidar. Não é apenas a imagem dos portugueses que é negativa no romance e na recensão de que nos ocupámos, pois a caracterização da colónia de pacientes ingleses e dos seus familiares em Lisboa é-o igualmente, isolando-se Mary ao longo não

15. Sobre o uso de teorias médicas coevas sobre neurologia na obra de Wollstonecraft, vejam-se Ranger (27-28) e Faubert (41-50).

só da estada em Portugal, mas de todo o romance. As viagens de Wollstonecraft a Portugal e a França permitiram-lhe observar a forma de vida das mulheres em vários países, recolher material para as suas obras políticas, pelas quais é mais conhecida, e concluir que a mulher se deve (auto-)educar, enriquecendo sempre o seu desenvolvimento pessoal, e viajar e ler romances são duas formas de o fazer, conforme a vida e a obra da autora demonstram. Wollstonecraft desenvolve a sua própria “estética do sofrimento” e “da solidariedade” (expressões de Bahar: 8-12, 105, 128-136, 174) de uma comunidade (feminina) que deve defender os seus interesses, e, se Mary e Ann sofrem mentalmente com a opressão masculina, através de estratégias como o casamento (arranjado), a própria doença física reforça o sofrimento da personagem colectiva feminina, não parecendo haver possibilidade de convalescença, mesmo no clima mais saudável de Lisboa, porque a doença é social e imposta às mulheres, acabando alguns homens (como Henry) por ser também vítimas da mesma.

Obras Citadas

- Amaral, A. João Seabra do. “O Sussurro e o Grito em Mary Wollstonecraft.” *Estudos em Homenagem a Margarida Losa*. Ed. Ana Luísa Amaral e Gualter Cunha. Porto: Universidade do Porto, 2006. 53-63.
- Bahar, Saba. *Mary Wollstonecraft’s Social and Aesthetic Philosophy: ‘An Eve to Please Me’*. Basingstoke: Palgrave, 2002.
- Bailin, Miriam. *The Sickroom in Victorian Fiction: The Art of Being Ill*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- Beddoes, Thomas. *Essay on the Causes, Early Signs, and Prevention of Pulmonary Consumption for the Use of Parents and Perceptors*. Bristol: Longman and Rees, 1799.
- Black, Jeremy. *The British Abroad: The Grand Tour in the Eighteenth Century*. Stroud: The History Press, 2011.
- Buss, Helen M., D. L. Macdonald e Anne McWhir (ed.) *Mary Wollstonecraft and Mary Shelley: Writing Lives*. Wilfrid Laurier University Press: Waterloo- Ontario, 2001.
- Brody, Miriam, *Mary Wollstonecraft: Mother of Women’s Rights*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- Byrne, Katherine. *Tuberculosis and the Victorian Literary Imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

- Castro, Catarina Correia de. *Um Livro Negro sobre Portugal do Século XVIII*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.
- Conger, Syndy McMillen. *Mary Wollstonecraft and the Language of Sensibility*. Rutherford: Fairleigh Dickinson University Press, 1994.
- Elfenbein, Andrew. "Mary Wollstonecraft and the Sexuality of Genius." *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Ed. Claudia L. Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 228-245.
- Faubert, Michelle. "Introduction." *Mary Wollstonecraft. Mary, A Fiction and The Wrongs of Woman, or Maria*. Ed. Michelle Faubert. London: Broadview Editions, 2012. 11-50.
- Ferreira, Maria Aline Salgueiro de Seabra. "Mary Wollstonecraft e Portugal." *Actas do X Encontro da APEAA*. Ed. Anthony Barker, Maria Aline Ferreira e David Callahan. Aveiro: Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos/ Universidade de Aveiro, 1991. 87-100.
- Ford, Karen M. "Britain (Eighteenth Century)." *Propaganda and the Mass Persuasion: A Historical Encyclopedia, 1500 to the Present*. Ed. Nicholas J. Cull, David Culbert e David Welch. Santa Bárbara: ABC-CLIO, 2003. 52-54.
- Frawley, Maria H. *Invalidism and Identity in Nineteenth-Century Britain*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- Godwin, William. *Memoirs of the Author of 'A Vindication of the Rights of Woman'*. Ed. Pamela Clemit e Gina Luria Walker. Peterborough: Broadview Press, 2001.
- Grabham, Michael C. *The Climate and Resources of Madeira as Regarding Chiefly the Necessities of Consumption and the Welfare of Invalids*. London: John Churchill & Sons, 1870.
- Hacking, Ian. *Mad Travelers: Reflections on the Reality of Transient Mental Illnesses*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1998.
- Harcourt, Edward Vernon. *A Sketch of Madeira: Containing Information for the Traveller, or Invalid Visitor*. London: John Murray, 1851.
- Hickey, William. *Memoirs of William Hickey II (1775-1782)*. Ed. Alfred Spencer. London: Hurst & Blackett, 1925.
- Hoeverler, Diane Long. "The Construction of the Female Gothic Posture: Wollstonecraft's *Mary* and Gothic Feminism." *Gothic Studies* 6.1 (2004): 30- 44.
- Jardine, Alexander. *Letters From Barbary, France, Spain and Portugal, etc* II. London: T. Cadell, 1788.
- Johnson, Claudia. *Equivocal Beings: Politics, Gender and Sentimentality in the 1790s, Wollstonecraft, Radcliffe, Burney, Austen*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- "Mary Wollstonecraft's Novels." *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Ed. Claudia Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 189-208.
- Jones, Chris. "Mary Wollstonecraft's *Vindications* and their Political Tradition." *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Ed. Claudia L. Johnson.

- Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 42-58.
- Jones, Vivien. "Mary Wollstonecraft and the Literature of Advice and Instruction." *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Ed. Claudia Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 119-140.
- Kaplan, Cora. *Sea Changes: Essays on Culture and Feminism*. London: Verso, 1986.
- "Mary Wollstonecraft's Reception and Legacies." *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Ed. Claudia L. Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 246-270.
- Keating, Andrew P. "The Empire of the Dead: British Burial Abroad and the Formation of National Identity." Tese de Doutorado. Berkeley: University of California, 2011.
- Kelly, Gary. *The English Jacobine Novel, 1780-1805*. Londres: Oxford University Press, 1976.
- "Female Philosophy in the Bedroom: Mary Wollstonecraft and Female Sexuality." *Women's Writing* 4 (1997): 143-53.
- "Introduction." *Mary Wollstonecraft. Mary, a Fiction and The Wrongs of Woman*. Ed. Gary Kelly. Oxford: Oxford University Press, 1976. vii-xxi.
- *Revolutionary Feminism: The Mind and Career of Mary Wollstonecraft*. New York: St. Martin's Press, 1992.
- Laird, Susan. *Mary Wollstonecraft: Philosophical Mother of Coeducation*. London: Bloomsbury, 2008.
- Langbauer, Laurie. "An Early Romance: Motherhood and Women's Writing in Mary Wollstonecraft's Novels." *Romanticism and Feminism*. Ed. Anne K. Mellor. Bloomington: Indiana University Press, 1988. 208-219.
- Lawlor, Clark. *Consumption and Literature: The Making of the Romantic Disease*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.
- Linden, Simeon. "The Invalid Abroad: Sketches of Invalid Life in the High Alps." *Westminster Review* 153 (Jan. 1900): 85-96.
- The Lisbon Guide Containing Directions to Invalids Who Visit Lisbon*. London: J. Johnson, 1800.
- Maurer, Lisa Shawn. "The Female (As) Reader: Sex, Sensibility, and the Maternal in Wollstonecraft's Fictions." *Essays in Literature* 19 (1992): 36-54.
- M'Culloch, J. R. *M'Culloch's Universal Gazetteer: A Dictionary* 2. New York: Harper & Brothers, 1855.
- Mellor, Anne K., "Mary Wollstonecraft's *A Vindication of the Rights of Woman* and the Women Writers of her Day." *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Ed. Claudia L. Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 141-159.
- Myers, Mitzi. "Unfinished Business: Wollstonecraft's *Maria*." *Wordsworth Circle* 11.2 (1980): 107-114.
- Parker, Andrew Mary Russo *et al.* (ed.) *Nationalism and Sexualities*. New York: Routledge, 1982.
- Paul, Charles Kegan. *William Godwin: His Friends and Contemporaries* 1. London: Henry S. King, 1876.

- Pemble, John. *The Mediterranean Passion: Victorians and Edwardians in the South*. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- Pennel, Elizabeth Robins. *Life of Mary Wollstonecraft*. Boston: Roberts Brothers, 1884.
- Poe, Edgar Allan. "Metzengerstein." *Collected Works of Edgar Allan Poe Volume II: Tales and Sketches 1831-42*. Ed. Thomas O. Mabbott. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1978.
- Ranger, C. M. "Finely Fashioned Nerves' in Mary Wollstonecraft's *The Wrongs of Woman*." *Notes and Queries* 46.1 (1999): 27-28.
- Reade, William W. *Liberty Hall, Oxon*. III. London: C. J. Skeet, 1860.
- Richardson, Alan. *Literature, Education, and Romanticism: Reading as Social Practice, 1780-1832*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- "Mary Wollstonecraft on Education." *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Ed. Claudia Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 24-41.
- Rodrigues, Ana P. A. F. "O Despertar da Consciência Cívica Feminina: Identidade e Valores da Pedagogia Feminina de Finais do Século XVIII: os Casos de Mary Wollstonecraft, Catherine Macaulay e Hannah More." Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2011.
- Sapiro, Virginia. *A Vindication of Political Virtue: The Political Theory of Mary Wollstonecraft*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- Shand, Alexander. "The Pleasures of Sickness." *Blackwood's Edinburgh Magazine* 145 (Abril 1889): 546.
- Shell, Alison. *Catholicism, Controversy and the English Literary Imagination, 1558-1660*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- Sontag, Susan. *Illness as Metaphor*. New York: Vintage Books, 1979.
- Staves, S. "British Seduced Maidens." *Eighteenth-Century Studies* 14.2 (1981): 109-134.
- Tauchert, Ashley. "Escaping Discussion: Liminality and the Female-Embodied Couple in Mary Wollstonecraft's *Mary, A Fiction*." *Romanticism on the Net* 18 (Maio 2000). 12 Jan. 2010.
- Taylor, Barbara. *Mary Wollstonecraft and the Feminist Imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- Todd, Janet. "Introduction." *Mary Wollstonecraft. Mary; Maria; Matilda*. Ed. Janet Todd. New York: Penguin, 1992. vii-xxvi.
- *Mary Wollstonecraft: A Revolutionary Life*. London: Weidenfeld & Nicolson, 2000.
- Tomalin, Claire. *The Life and Death of Mary Wollstonecraft*. New York: Penguin Books, 1992.
- Tong, Rosemarie Putman. *Feminist Thought: A More Comprehensive Introduction*. Boulder: Westview Press, 1998.
- Walford, A. R. *The British Factory and Its Closing Stages Ensuing Upon the Treaty of 1810*. Lisboa: Tipografia Colonial, 1940.
- Wardle, Ralph. "Mary Wollstonecraft, Analytical Reviewer." *PMLA*. 62.4 (1947): 1000-1009.

ESTUDOS / ESSAYS

- Williams, A. Susan. *The Rich Man and the Diseased Poor in Early Victorian Literature*. London: Palgrave Macmillan, 1987.
- Wollstonecraft, Mary. "[Review] Art. V. *Sketches of Society and Manners of Portugal*." *Analytical Review* (May-August 1788): 451-457.
- *The Collected Letters of Mary Wollstonecraft*. Ed. Janet Todd. London: Allen Lane, 2003.
- *Letters Written During a Short Residence in Sweden, Norway, and Denmark*. London: J. Johnston, 1796.
- *Mary, A Fiction and The Wrongs of Woman, or Maria*, Ed. Michelle Faubert. London: Broadview Editions, 2012.
- *A Vindication of the Rights of Men; A Vindication of the Rights of Woman. An Historical and Moral View of the French Revolution*. Ed. Janet Todd. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- *A Vindication of the Rights of Woman*. 3rd edition. London: J. Johnston, 1796.